



AMARAL, Veronica Sobral Almeida; ALVES, José Hélder Pinheiro. Carmem Pedrosa: nas veredas do sertão, ouço versos de mulher. *Revista Épicas*. Ano 8, NE 7, Mai 2024, p. 224-239. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2024.ne7.224239>

CARMEM PEDROSA: NAS VEREDAS DO SERTÃO, OUÇO OS VERSOS DE MULHER

CARMEM PEDROSA: IN THE PATHS OF THE SERTÃO, I HEAR THE VERSES OF A WOMAN

Veronica Sobral Almeida Amaral¹
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
José Hélder Pinheiro Alves²
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a obra da poetisa pernambucana Carmem Pedrosa, considerando temáticas e procedimentos predominantes adotados pela autora, na construção dos poemas, bem como, apresentar uma proposta de leitura. Este trabalho justifica-se pela necessidade de dar visibilidade à produção poética da cordelista, considerando a importância de sua produção. Apresentamos uma análise do livro *Vitória Régia*, única publicação da autora. Será realizada, também, uma análise de trechos do poema “Como encontro poesia”, considerando temática, dimensão formal e o contexto de produção, dentre outros aspectos. E, por fim, apresentaremos uma proposta de leitura na sala de aula, sob base teórica do método subjetivo, defendido por Rouxel (2014).

Palavras-chave: literatura de cordel, mulher cordelista, sertão, temática.

ABSTRACT: This article aims to analyze the work of the poet from Pernambuco Carmem Pedrosa, considering themes and predominant procedures adopted by the author in the construction of poems, as well as present a reading proposal. This work is justified by the need to give visibility to the poetic production of cordelista, considering the importance of its production. We present an analysis of the book *Vitória Régia*, the author's only publication. It will also be performed

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE, Universidade Federal de Campina Grande - PB, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1485-7683>

² Pós-doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004); doutor em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000), Professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - PB, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

an analysis of excerpts from the poem "As I find poetry", considering thematic, formal dimensions, and the context of production, among other aspects. And finally, we will present a reading proposal in the classroom, under the theoretical basis of the subjective method, defended by Rouxel (2014).

Keywords: cordel literature, cordel woman, sertão, thematic.

Introdução

Historicamente, a literatura de cordel tem marca predominante da presença masculina. A voz dada aos versos, a assinatura publicada na capa do cordel e a performance das narrativas poéticas para vender os folhetos nas feiras, demarcaram a rotina de homens cordelistas. Assim, o universo da literatura de cordel era consolidado como atividade masculina que, ao longo da história, assumiu o protagonismo da oralidade e da escrita poética.

Constituída numa sociedade patriarcal, em que a voz do homem imperou ao longo de séculos, a mulher vivia em condições de submissão, à margem das decisões masculinas. Invisível aos olhos da sociedade, não tinha voz, nem autonomia para falar e ser ouvida. Segundo Perrot (2019), escrever, para as mulheres, não foi coisa fácil. Sua escrita era restrita ao domínio privado, à correspondência familiar.

Até o início do século XX, poucas mulheres foram evidenciadas e puderam expor sua autoria. Sobre a mulher na literatura, Romanelli (2014) afirma que:

Ao longo do tempo, as escritoras mulheres foram sistematicamente excluídas do cânone literário. [...] não que as mulheres não escrevessem. Aquelas poucas que tinham o privilégio de serem alfabetizadas escreviam cartas, e algumas mais do que isso, mas não compartilhavam e muito menos publicavam seus escritos, com algumas exceções, e mesmo assim muitas usavam pseudônimos masculinos. [...] Mesmo com todas as dificuldades e amarras relativas ao seu gênero, muitas mulheres foram capazes de escrever, mas suas obras foram esquecidas no tempo. (ROMANELLI, 2014, p. 15)

Se a invisibilidade da mulher já é configurada nas relações sociais, na literatura e na poesia, imagine na literatura de cordel, lugar em que os homens estiveram, visivelmente, protagonizando os movimentos de oralidade, leitura e escrita.

Tratando sobre a autoria feminina na literatura de cordel, Queiroz (2006) busca uma justificativa para a ausência da mulher nesses espaços de poesia, considerando que, numa região patriarcalista como o Nordeste, não se imagina a mulher da época andando nas feiras, declamando ou cantando para vender suas produções:

A forma de distribuição dos folhetos talvez seja uma das razões para a ausência das mulheres no cordel. No início do século XX até os anos 50, época áurea da literatura de cordel, o processo editorial dos folhetos encontrava-se em grande efervescência, com tiragens expressivas. (...) Para divulgação e conhecimento de seu nome, tinha mais força a presença e a performance do cordelista, que nas feiras, nas festas de padroeiros e acontecimentos importantes lia ou declamava em voz alta os versos até o momento em que teria de parar para aguçar a curiosidade e levar os ouvintes a adquirirem os folhetos. (QUEIROZ, 2006, p.55)

Sendo assim, invisibilizadas e postas no esquecimento, as mulheres pouco publicaram e a história desconhece-as tanto na oralidade quanto na escrita. Sobre isso, Santos (2006) diz que o silêncio que foi

imposto às mulheres enquanto artistas é, hoje, questionado pelas próprias mulheres, nos incitando a repensar a historiografia dessa literatura que interditou a voz e a escrita da mulher.

Quando rememoramos a história, encontramos registros de que o primeiro folheto de cordel feminino publicado no Brasil foi escrito em 1935, de autoria da paraibana Maria das Neves Batista Pimentel. Ela era filha do poeta Francisco das Chagas Batista e casada com Altino de Alencar Pimentel.

Quanto ao folheto de autoria de Pimentel, foi intitulado *Corcunda de Notre Dame*, escrito com base no romance de Victor Hugo. Logo depois, a cordelista escreveu o segundo cordel: *O amor nunca morre*, inspirado na obra *Manon Lescault* do Abade Prevost, tendo em vista que o primeiro havia sido vendido rapidamente. Sobre esses dois cordéis, Maria das Neves em entrevista a Mendonça (1993) disse:

Eu morava em Recife, em 1935, foi quando fiz esse primeiro folheto *O corcunda de Notre Dame*. Meu marido trouxe o romance, li e fui versando, fazendo os versos, então, eu fiz esse primeiro folheto, ele tirou um milheiro e vendeu todo. Depois em Maceió, [...] ele perguntou se eu não podia fazer outro, aí trouxe *Manon Lescault* do Abade Prevost. Eu li o romance e comecei a versar o romance e fiz este *O amor nunca morre*. O folheto foi vendido e foi tirado segunda edição, aí foi vendido também. Aí ele disse, agora vamos fazer outro, aí eu fiz o *Violino do Diabo* de Perez Escrich. Eu li o romance e versei também. (PIMENTEL *apud* MENDONÇA, p. 68)

Para muitos pesquisadores, o cordel *O violino do diabo ou o valor da honestidade* teria sido o primeiro trabalho de Maria das Neves Pimentel a ser publicado. O depoimento acima, dado a Mendonça (1993), pela cordelista, não afirma isso. Ela relata que o cordel *O violino do diabo* é o terceiro escrito e publicado, após a venda e reedição dos dois primeiros: *O corcunda de Notre Dame* e *O amor nunca morre*.

Esses cordéis, de autoria de Maria das Neves, foram publicados, porém assinados pelo seu esposo, com o pseudônimo Altino Alagoano. Em depoimento concedido a Mendonça (1993), ela explica o motivo pelo qual não assinou os folhetos:

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né? meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse:
– Eu não vou botar meu nome.
Aí meu marido disse:
– Coloque Altino Alagoano (PIMENTEL *apud* MENDONÇA, 1993, p. 70).

Então, consciente de seu lugar no contexto, a cordelista Maria das Neves ocultou sua identidade, considerando que, enquanto mulher, não teria as mesmas possibilidades e oportunidades, caso assumisse a autoria do cordel. Sendo assim, o pseudônimo do marido agradaria e seria aceito pelo leitor dessa literatura. Macedo e Silva (2021) reforçam que o fato de Maria das Neves pertencer a uma família da área, com possibilidade de publicação dos escritos, conseguiu o fazer, no entanto, ainda sem aparecer como mulher. Por outro lado, outras mulheres não tiveram a mesma oportunidade, foram invisibilizadas pelo contexto e pelo tempo.

Quase um século depois, a realidade mudou significativamente, no entanto, ainda há muito o que ser feito. Embora a mulher tenha lutado e conquistado um lugar de fala na literatura de cordel, ainda assim

há uma invisibilidade de autoras que têm um legado escrito, pouco – ou nada – visto pela sociedade. Hoje, podemos afirmar que “as mulheres sempre criaram, produziram e eventualmente publicaram, no entanto, a historiografia desqualifica, de forma preconceituosa, a poética das vozes e sua forma impressa” (SANTOS, 2023, p. 11)

Portanto, considerando essa discussão e a importância do estudo da literatura de cordel de autoria feminina, faremos, neste artigo, uma apresentação da obra *Vitória Régia*, de autoria da cordelista pernambucana Carmem Pedrosa, que teve um protagonismo poético na região do Pajeú – no entanto, sua produção é pouco conhecida.

Quanto à pesquisa, inicialmente, constitui-se de uma apresentação sobre a autora, seu contexto de produção, temáticas predominantes, condições sociais enfrentadas, bem como, seu posicionamento no fazer poético. Em seguida, apresentamos e analisamos a poesia do livro: *Vitória Régia*, única publicação da autora, em 1983. Organizamos a obra em categorias temáticas e apontamos os procedimentos utilizados na construção dos poemas. Por fim, apresentamos uma análise de trechos do poema: “*Como encontro poesia*”, de autoria da poetisa.

1. A voz da mulher ecoa na serra da Borborema

Maria do Carmo Pedrosa da Silva – Carmem Pedrosa, poetisa do sertão – nasceu no dia 16 de julho de 1930, no Sítio Poço Redondo, alto da Serra da Borborema, município de Tabira³, no Sertão do Pajeú, estado de Pernambuco. Filha de agricultores, foi criada com nove irmãos, dividindo a vida entre a roça e os afazeres de casa. Cresceu no ambiente sertanejo, em meio a flora e fauna do bioma caatinga; um sertão que enverdece aos primeiros pingos de chuva, mas que enfrenta a desolação da seca no maior período do ano. Foi nesse lugar que a poetisa aprendeu a contemplar a natureza, os animais e a leveza das flores; mas também, nesse sertão marcado pela seca, a escassez de água e a falta de vontade política para perceber a estiagem como um fenômeno que pode ser tratado com responsabilidade.

A poetisa teve os primeiros contatos com a poesia, em casa, nas cantorias de viola, onde seus irmãos faziam versos para reunir a família e alegrar a vizinhança. A veia poética é descendente da família, mas também despertada pelo astro Zé Limeira⁴ – o Poeta do Absurdo – que em passagens pelo Sítio Poço Redondo, fazia improvisos com os irmãos da poetisa.

³ Tabira é uma cidade localizada no Sertão do Pajeú do Estado de Pernambuco. O município se estende por 388 km² e conta com 28 534 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 73,5 habitantes por km² no território do município.

⁴ Zé Limeira (1886-1954) foi um cordelista/repentista brasileiro. Nasceu no sítio Tauá, em Teixeira, considerado o principal reduto de repentistas no século XIX. Ficou conhecido como Poeta do Absurdo, pois os temas que abordava em suas poesias e repentistas eram variados e chegavam, muitas vezes, ao delírio.

Mulher negra, com olhos verdes – característica típica da genética familiar – Carmem Pedrosa escreveu poesia numa época em que a mulher não tinha lugar de fala⁵, nem tão pouco de divulgação de sua produção poética, ainda menos, se negra.

Sobre sua ascensão social, a poetisa conseguiu se formar e, em Recife, trabalhou como enfermeira no Hospital das Clínicas até a sua aposentadoria. Dividia a vida entre a profissão e a administração de pensões, cuja autora era proprietária em Tabira e na capital pernambucana. Segundo relato do jornalista José Ivan Dias⁶, Carmem imprimiu um mandato: cantador de viola não paga hospedagem. Em Tabira, o Hotel Pedrosa foi ponto certo para quem queria assistir uma boa peleja de cantadores.

Quanto à sua obra, Carmem é autora de um acervo de poesia que versa sobre saudades da infância, sentimentos familiares, amor pela terra natal, exaltação ao sertão e até revolta diante das injustiças e problemas sociais. A poetisa cresceu convivendo com as coisas do Sertão e inspirando-se para escrever sobre elas, de forma que publicou seu único livro *Vitória Régia*, em 1983.

Nessa obra, a cordelista nos oportunizou um passeio pelas temáticas diversas, com uma linguagem simples, mas algumas vezes, com expressões formais, em estrofes construídas, nas formas usuais do cordel: sextilha, setilha e décima. O professor e poeta José Rabelo de Vasconcelos⁷, na apresentação do livro da autora, diz que Carmem é admiravelmente fiel à sua gente, de modo que sente como o povo, fala e canta como ele. Seu universo vocabular é autêntico, demonstrando que conhece bem a fauna e a flora de sua região. Como isso, tece com esse universo os seus versos, revelando-se como sertaneja na forma e no conteúdo que escreve.

Para comprovar o que diz Rabelo, podemos observar essa setilha de autoria da autora, descrevendo a sua inspiração, no poema “Como veio a poesia”:

Minha poesia veio
Do canto do rouxinol,
Pela divina ciência
Das flores do girassol
Com as pétalas na semente
Nasce olhando pro nascente
Segue o caminho do sol. (PEDROSA, 1983, p. 13)

Ainda sobre a construção da poesia de autoria de Carmem Pedrosa, Ivanildo Vila Nova⁸, no prefácio do livro: *Vitória Régia*, diz:

Acostumado a ver e ouvir martelos, décimas, galopes, sextilhas e outros gêneros usados pelos cantadores, surpreendi-me vendo-os todos em ótimo feitio no livro de Carmem Pedrosa. Reconheci não se tratar de um exemplar a ser editado, pelo contrário, apresentou-me uma

⁵ Lugar de fala é um conceito de origem imprecisa, que, segundo Ribeiro (2017), parece ter surgido no movimento *‘feminist stand point’* em que há uma compreensão de um ponto de vista feminista que articula teoria racial crítica e pensamento decolonial.

⁶ Jornalista, produtor cultural, pesquisador e autor do curta-metragem: “Globo ativo” (2018), que trata sobre a vida e obra de Carmem Pedrosa, exibido na 4ª Mostra de Cinema Poesia na tela, em 2018.

⁷ José Rabelo de Vasconcelos, nasceu na cidade de São José do Egito, no ano de 1932 e faleceu em 2003. Fundou a revista *Peleja*, especializada no gênero cantoria.

⁸ Profissional da cantoria desde 1963, tornou-se um dos mais renomados repentistas brasileiros. Escreveu o prefácio do livro *Vitória Régia* (1983), de Carmem Pedrosa.

cantoria ao vivo, embora feita por uma só pessoa; no caso, a autora. Englobando desde as paisagens telúricas às telas calcinadas da seca, o livro vai variando do bucolismo ao drama do estilo com uma facilidade no mínimo impressionante, deixando atrás de si a marca registrada que sua dona faz questão em manter viva. (PEDROSA, 1983, Prefácio)

Então, Ivanildo Vilanova apresenta, tanto do ponto de vista formal quanto da temática presente na poesia da autora, marcas de regionalismo e, principalmente, da presença formal do que se constitui a poesia popular oral.

Ainda sobre a poetisa, segundo relato do jornalista José Ivan Dias, respaldado em conversas com familiares da poetisa, Carmem, antes de falecer, deixou material escrito para aquele que seria seu próximo livro, já denominado por ela de *O Globo Ativo*. Com o seu falecimento, as folhas rabiscadas e datilografadas se perderam e sua poesia ficou registrada apenas neste primeiro livro. Faleceu dia 3 de outubro de 1997, na cidade de Tabira, sua terra natal, entretanto, seu legado deixou marcada a história da poesia e do cordel feminino do Sertão do Pajeú.

2. Folheando a poesia do livro *Vitória Régia*

Carmem Pedrosa conseguiu materializar, em um livro, os seus poemas escritos. *Vitória Régia* reúne 67 (sessenta e sete) poemas de sua autoria e 01(um) poema do poeta Manoel Xudu⁹, em homenagem ao Dia das Mães. Versejando sobre sertão, amor, saudade, questões sociais, natureza, morte, amizade, mulher e poesia deixou a marca de suas vivências em cada verso escrito. Criada no meio do mato, convivendo com as coisas do Sertão e um vasto bioma caatinga, Carmem traz em seus poemas o cheiro desse mato, mas também um olhar sobre a realidade e os sentimentos que permeiam a sua vida e a dos seus. Diversas temáticas compõem a obra, no entanto, podemos destacar as que estão inseridas na maioria dos seus poemas: amor, sertão, questões sociais e saudade. Esses temas correspondem a maioria da produção dos seus poemas, no entanto, outros, como natureza, morte, mulher e a metalinguagem estão presentes em sua escrita.

Quanto à estrutura formal, os poemas são escritos, predominantemente, em sextilhas setessilábicas, seguidas de décimas. A poetisa escreve, também, alguns em versos livres, sem se apegar a forma. Pelo convívio que teve com Zé Limeira – o poeta do Absurdo, Carmem Pedrosa apresenta, em alguns, construções de estrofes que fogem da coerência do verso, rimando com palavra fora do contexto, característica muito presente na poesia de Zé Limeira.

Então, partindo para o estudo da obra, ao lermos os poemas e selecionarmos em categorias temáticas, identificamos que, dos 67 poemas escritos pela autora, treze (13) tratam sobre o amor; nove (09) falam sobre sertão; com o tema saudade, encontramos sete (07); na temática político-social também sete (07); seis (06) apresentam uma diversidade temática; sobre natureza, identificamos seis (06); metalinguagem, quatro (04) poemas; três (03) tratam sobre a mulher; sobre a morte, dois (02) e amizade,

⁹ Manoel Lourenço da Silva – Manoel Xudu - natural de São José de Pilar – PB, violeiro em plena atividade profissional. O poeta dentro de uma simplicidade tamanha, abordava os temas mais profundos, com a maior presteza.

também dois (02) abordam esse tema. Portanto, dessas temáticas presentes na produção poética da autora, destacamos cinco para discutirmos neste trabalho. Então, os temas amor, sertão, político-social, metalinguagem e mulher são discutidos a seguir.

Partindo dessa análise, é possível constatar que o amor é a temática predominante de sua obra. São treze poemas que abordam esse assunto em diversas vertentes. Criamos as seguintes subcategorias para a abordagem do amor nessa: amor materno, amor romântico, amor que retrata mágoa e o amor que apresenta um tom melancólico. Quando fala sobre mãe, a cordelista apresenta o amor materno na sua inteireza, versando sobre seu nascimento e o carinho que nutriu por ela. Na abordagem sobre o amor romântico, os poemas apresentam uma relação abstrata com esse sentimento. No poema: “A quem dou meu coração”, busca entregar-se a algo inatingível. Em: “Puros sentimentos” no mote: “Se os meus olhos não virem mais teu rosto/ A tristeza me leva à sepultura”, é possível identificar um sentimento de melancolia e saudade do ente amado, em que o eu lírico entrega-se à tristeza.

Nessa mesma perspectiva de sentimento, na poesia: “O lado oposto”, é notório um coração magoado, de um amor que passou, mas que deixou marcas de solidão, de amargor, pranto e mágoa.

Então, os poemas que compõem essa temática apresentam uma escrita que rompe com o amor tranquilo e caracteriza-se pelo amor inatingível, marcado pela solidão, ausência e entrega a algo ou alguém indefinido. A voz do eu lírico dialoga muito com a vida da poetisa que, de fato, foi marcada por ausência de amores, de companheirismo e de paixões duradouras. Em uma estrofe do poema “Puros sentimentos”, podemos identificar a melancolia expressa nestes versos:

Se os meus olhos tiverem a pouca sorte
De não mais avistarem o teu semblante
Teu sorriso romântico delirante
O teu porte de atleta meigo e forte.
Tenhas plena certeza que a morte
Dar-me-á por abrigo a cova escura.
Mas minha alma ansiosa te procura
No lugar que o sol sempre é posto
Se os meus olhos não virem mais seu rosto
A tristeza me leva à sepultura. (PEDROSA, 1983, p. 103)

Nessa obra, a autora dedicou parte dela ao sertão, em que dez poemas compõem a categoria, subdividindo-se em natureza, chuva, seca e a vivência do lugar. Nos poemas: “Imagem viva da seca”, “O sertão na seca” e “A seca no sertão”, a poetisa apresenta uma visão imagética dos sentimentos dos animais durante o período de estiagem, demonstrando o quanto é doloroso esse período para a região.

Abaixo, uma estrofe do poema “Imagem viva da seca”.

E a linda sabiá
De seca quase morrendo,
Canta defronte o filhote
Como quem canta dizendo:
Não tem água na represa
E as coisas da natureza
Estão desaparecendo. (PEDROSA, 1983, p. 23)

Quando aborda a chuva no sertão, no poema: “Quando choveu no sertão” (p.55), a cordelista apresenta a mudança de comportamento dos animais, com uma narrativa que comemora a chegada da chuva, rompendo a estiagem e a tristeza. Esse poema faz-nos lembrar Pinheiro (2009) comentando a poesia de Patativa do Assaré, dizendo que “a geografia local também é presença marcante [...], não só o tempo de verão e de seca, que chega a durar sete meses, mas também a paisagem do sertão chovido, o verde e as flores que recobrem, por um curto tempo, o sertão nordestino.” (Pinheiro, 2009, p.56). E, de fato, sobre a natureza do sertão, Carmem traz uma exaltação às belezas naturais, as paisagens, explorando a imagem do lugar verde e alegre com uma visão paisagística sertaneja e inspiradora. Numa estrofe do poema “Quando choveu no sertão”, a cordelista apresenta a alegria de uma região chovida, dizendo:

Ouvi cantar o Xexéu
Os galhos das aroeiras
Acordei com o doce canto
Dos rouxinóis nas biqueiras,
Respondendo aos assovios
Dos nambus nas capoeiras. (PEDROSA, 1983, p. 55)

Com uma visão político-social, apresentando críticas à realidade e clamando por mudanças, a poetisa escreve poemas que trazem uma dimensão muito importante e necessária à poesia: fazer-se instrumento de reflexão quanto à realidade do país, contribuindo para que seja pensada a tomada de decisões. Segundo Marinho e Pinheiro (2012), é possível apontar na literatura de cordel uma acentuação do caráter de denúncia de injustiças sociais que há séculos estão presentes na sociedade. Escrita no final dos anos 70, a poesia de Carmem surge no final do processo de ditadura vivido em nosso país.

Sendo assim, o eu lírico discute as problemáticas que o país enfrenta, indagando sobre a democracia. No poema “O que é democracia!” a poetisa questiona as atitudes dos militares contra civis, que tolhem os direitos e os poderes, demandando o que acham por direito e certo. No poema: “O nordestino falando com o presidente” (p. 31) ela conclama a presença do presidente no Nordeste, para enxergar a pobreza, as necessidades básicas e atuar diante dessas problemáticas. Os poemas que compõem essa categoria são carregados de firmeza e reivindicações e evidenciam a denúncia social. São gritos de alerta, de pedido de ajuda e de crítica social, solicitando atitude política. No poema “O que é democracia?”, na última estrofe, a poetisa diz:

Democracia, Igualdade
Direito e filantropia.
Era o que Ghandhi pregava
Era o que Cristo fazia.
Vem, Cristo, pregar de novo,
Que os monstros que matam o povo
Mataram a democracia! (PEDROSA, 1983, p. 97)

Embora não seja fácil tratar sobre a própria poesia, definindo-a ou contemplando-a em palavras, a autora apresenta quatro poemas, utilizando-se da metalinguagem para construir seus versos. Nesta

temática, a poetisa vale-se de comparação e contemplação das vivências do sertão para abordar, conceituar e sentir a poesia. Nos poemas, Carmem apresenta a inspiração de seus versos, o valor que têm e como consegue enxergá-lo, perpassando o abstrato e encontrando o concreto. A seguir, a metalinguagem protagonizando a poesia da poetisa, na estrofe do poema: “Como veio a poesia”:

Minha poesia veio
Dos mais incríveis segredos
Daquelas pétalas róseas
Das flores dos arvoredos,
De pistilos sem emendas
E das pequeninas fendas
Que o vento faz nos lajedos. (PEDROSA, 1983, p. 13)

Quando trata sobre a condição de mulher e poetisa, a autora recorre a elementos da natureza para comparar-se, apresentando a força que tem, como também a leveza das coisas naturais. Os poemas, também, apresentam tristeza, perda e esperança de recomeçar, sempre traçando a relação da composição da natureza com a sua vida. No poema “Meus lamentos”, a cordelista apresenta a tristeza de um relacionamento que não deu certo. Abaixo, uma estrofe do poema:

Do destino traiçoeiro
Sou hoje a mais forte presa
Nadando igual um peixinho
De encontro a correnteza.
Com as barbatanas rema
Faz do remanso um poema
Volta a lama da represa. (PEDROSA, 1983, p. 105)

Portanto, transitando por diversos temas, Carmem Pedrosa tem uma visão lírica, mas crítica da realidade que a permeia, mantendo, sempre, os seus valores, nos seus poemas, como mulher, sertaneja e defensora da natureza e da vida.

3. Como encontro poesia, quando toco no poema?

Para tecermos comentários sobre a temática e recursos utilizados para construção dos seus versos, escolhemos o poema: “Como encontro poesia” (p. 15) que compõe a categoria temática da metalinguagem, em que a autora define e compara a poesia, utilizando-se da linguagem poética, bem como, de elementos que compõem o sertão e a sua vivência, para descrevê-la.

Inicialmente, ressaltamos que o poema é composto por vinte e nove estrofes, no entanto, para análise, selecionamos oito, considerando que não seria possível realizar a análise do poema na íntegra, pela quantidade de estrofes. Começamos observando que o poema tem uma composição mista quanto à forma adotada, sendo composto por estrofes de seis versos, denominada sextilha, e sete versos, denominada setilha, sendo cada verso escrito em setissílabas poéticas.

O título “Como encontro poesia” demonstra a necessidade que a poetisa tem de explicar quais são os seus maiores elementos de inspiração para tecer o verso e fazer o poema. É a porta de entrada para o entendimento da procedência do fazer poético. Ao longo do poema, o título consegue ser explicado. Escrito em primeira pessoa do singular, carrega marcas de singularidade, pessoalidade e, principalmente, da vivência pessoal, com marcas de sentimentalismo e afeto.

Construído com imagens do cotidiano da vida sertaneja, remetendo-se a elementos de quem vive no campo, no meio do mato, em contato com as coisas da natureza, na rusticidade do ambiente sertanejo, o poema apresenta imagens que demarcam a simbologia da região. Isso pode ser comprovado ao longo da leitura do poema. A seguir, apresentamos as estrofes e tecemos comentários sobre a produção poética dessa autora.

Eu encontro poesia
Num gibão de couro cru
Na carreira do novilho
No urro do boi zebu
Nos brancos cílios compridos
Da flor do mandacaru. (PEDROSA, 1983, p. 15)

Nessa primeira estrofe, os dois primeiros versos remetem a poesia a elementos que lembram, de fato, um cenário sertanejo: “Eu encontro poesia/ No gibão de couro cru”. Além disso, a cordelista faz uso de recursos da linguagem que demonstram a sua relação com o meio em que foi criada. Ainda na primeira estrofe, com a construção poética do 5º e 6º verso: “Nos brancos cílios compridos/ da flor de mandacaru”, é possível pensar na simbologia que o mandacaru tem para o sertão, que resiste à seca, à estiagem, mantendo-se vivo, verde e forte. Quando personificado, atribui-lhe cílios compridos à sua flor, supostamente com olhos. Vem-nos à cabeça a relação de fortaleza do homem sertanejo tanto quanto o mandacaru e nos fazendo lembrar da descrição feita por Euclides da Cunha, na frase: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”

Eu encontro poesia
Nos seixos do tabuleiro
Na espora de metal
Na perneira do vaqueiro
Nas quatro patas bisunhas
Do valente perdigueiro.

Na destreza do vaqueiro
No seu cavalo alazão
No garrote mandingueiro
Que urra cavando o chão
Jogando a terra no lombo
Na boca do boqueirão. (PEDROSA, 1983, p. 15)

Nessas estrofes, na descrição onde pouisa sua inspiração para encontrar poesia, a poetisa faz referência a lugares rudes, grotescos, mas de uma grande simbologia para a região, citado, por exemplo na 1ª estrofe, nos 1º e 2º versos: “eu encontro poesia/ Nos seixos do tabuleiro”. Este trecho remete à vivência da cordelista, que cresceu contemplando as serras e os tabuleiros de pedra. O vaqueiro, símbolo do sertão,

do cuidado com as criações de animais, é citado em algumas estrofes, como na 2ª estrofe, 4º verso: “Eu encontro poesia/ na perneira do vaqueiro”; 3ª estrofe, 1ª e 2ª estrofes: “Na destreza do vaqueiro/ No seu cavalo alazão”. Então, as imagens construídas no poema remetem à experiência de vida e observação do que vive o gado e o vaqueiro.

Na lealdade dum cão
Quando fica a tocair
As alpercatas do dono
E se alguém se aproximar
Ele avança na garganta
Que só falta estrangular. (PEDROSA, 1983, p.15)

Outro símbolo sertanejo muito citado nos versos de Carmem Pedrosa e elemento de sua inspiração, é o cachorro. Este animal, para o homem sertanejo, da roça, sempre exerceu uma função de protagonismo, seja para guardar a casa, para ajudar na caça ou para ser a companhia do homem em sua labuta. Em contextos diferentes, a presença do animal está em seus versos, marcando a identidade da mulher com o cotidiano do sertão, onde foi criada. Na segunda estrofe, 3º e 4º versos, ela diz: “Nas quatro patas bisonhas/ Do valente perdigueiro.” Nesse contexto, ela apresenta o cachorro perdigueiro valente, mas andando de mansinho, acanhado, como se estivesse esperando a hora certa de pegar a caça. Na 4ª estrofe, 1º, 2º e 3º versos (“Na lealdade dum cão/Quando fica a tocair/ As alpercatas do dono”), a poetisa apresenta um contexto em que o cachorro é protetor e amigo do seu dono, guarda de seus objetos, de sua casa.

É no quadro mais bonito
Na sombra do juazeiro
Um boiato descansando
Mas quando avista o vaqueiro
Corre que os cascos se enterram
Nas pedras do tabuleiro (PEDROSA, 1983, p. 15)

Nos versos de Carmem, o boi é também muito citado. Animal presente no cotidiano de uma vida do campo, faz parte da vida do homem. Desde a contribuição para as tarefas de peso realizadas pelos agricultores, como também a beleza e fugacidade da criação de um boi, seja fazendo dupla com outro carreando, seja no curral. Na primeira estrofe, 4º e 5º verso, ela diz que encontra poesia: “Na carreira do novilho/ No urro do boi zebu” e segue, na 3ª estrofe - 3º, 4º e 5º e 6º verso, a afirmar: “No garrote mandingueiro/ Que urra cavando o chão/ Jogando a terra no lombo/ na boca do boqueirão.” E, por fim, na estrofe a seguir, apresenta-se uma admiração pelo animal: “É no quadro mais bonito/Na sombra dum juazeiro/ Um boiato descansado/ mas quando avista o vaqueiro/ Corre que os cascos se enterram/ Nas pedras do tabuleiro.” Os últimos versos retomam a relação entre o gado e o vaqueiro:

Eu encontro poesia
Em tudo que deixei lá
Desde as abelhas que zumbem
Nas flores do cambucá
Ritmos de violoncelos

A linda estampa dos pelos
Do gato maracujá. (PEDROSA, 1983, p. 17)

A saudade da terra natal e uma lembrança que nunca se apaga também estão presentes nessa estrofe, nos versos 1, 2, 3 e 4: “Eu encontro poesia/ Em tudo que deixei lá/ Desde as abelhas que zumbem/Nas flores do cambucá.” O 2º verso demonstra que Pedrosa, embora distante do Sertão, escreve sempre pensando na sua vivência em contato com o campo e a natureza e cria uma imagem das abelhas e seu zumbido rodeando as flores para extração do seu pólen. O verso: “Em tudo que deixei lá”, o advérbio de lugar “lá” remete-se à terra natal, ao berço em que foi criada e a sua história deixada naquele lugar que lhe inspira e que alimenta a sua poética.

Na urtiga cansação
Que beija-flor faz o ninho
Com sua técnica divina
Tira espinho por espinho
Machuca todos com bico
Transformando em pergaminho. (PEDROSA, 1983, p. 17)

Eu encontro poesia
Até na serpente enorme
Que se arrasta pelas grutas
Na hora em que a mata morre
Até com o vento se espanta
Enrosca num pé de planta
Para mudar de uniforme. (PEDROSA, 1983, p. 18)

Nesses versos, para tratar sobre as fontes que lhe inspiram para fazer poesia, a cordelista recorre a animais que compõem a fauna da caatinga, bioma predominantemente marcante no Sertão do Pajeú, semiárido nordestino. Nas estrofes 6 e 8, a poetisa faz alusão a dois animais que têm intenções e características opostas: beija-flor e a serpente.

O beija-flor que cheira flores, que voa como se estivesse dançando, no entanto, perante os espinhos, consegue amaciá-los. Essa ação é descrita na estrofe 6: “Na urtiga cansação/ Que beija-flor faz o ninho/Com sua técnica divina/ Tira espinho por espinho/ Machuca todos com bico/ Transformando em pergaminho.” A cena de imaginar um beija-flor dócil retirando os espinhos, para tornar o ninho macio, apresenta uma relação de oposição entre o que a ave aparenta, normalmente, e a sua atitude de fortaleza perante a necessidade de construir sua casa.

Em relação à serpente, naturalmente, nos causa medo, exercendo uma relação de paradoxo ao que sentimos ao nos depararmos com o beija-flor, relevando afeto e emoção pela forma como se apresenta. Na estrofe 8, a autora apresenta a fragilidade da serpente e o medo que ela sente com qualquer mudança ou movimento estranho no seu habitat. Então, a poetisa demonstra encontrar poesia nessa posição – não de ataque, mas de defesa – que a serpente demonstra quando se sente ameaçada: “Eu encontro poesia/ Até na

serpente enorme/ Que se arrasta pelas grutas/ Na hora em que a mata morre/ Até com o vento se espanta/
Enrosca num pé de planta/Para mudar de uniforme.”

Essas duas estrofes apresentam contrapontos se considerarmos que, certamente, a cobra amedronta pela sua aparência forte e de ataque e o beija-flor apresenta-se frágil e sensível. Na construção poética, os valores se invertem. O beija – flor enfrenta o desafio, destrói os espinhos e constrói o ninho e a serpente sente-se ameaçada pelo barulho do vento, enrosca-se e se esconde.

Portanto, diante da análise de algumas estrofes desse poema, é possível perceber o quanto as imagens construídas pela poetisa, o jogo de palavras e utilização de componentes do seu cotidiano trazem à produção da autora uma vivacidade e reafirmação do quanto é ligada à sua vivência no sertão, cuja percepção pode ocorrer na retomada feita em quase todo o poema, por meio do verso: “Eu encontro poesia.”

3.1 As sugestões de leitura para a sala de aula

Antes de elencarmos algumas sugestões de atividades de leitura, a partir da poesia de Carmem Pedrosa, precisamos abordar uma questão importantes sobre a leitura de poesia na escola, que merece reflexão. Tratar sobre a leitura subjetiva defendida por Rouxel (2014), é considerar que esse procedimento oportuniza a construção da identidade, das concepções de vida, oportunizando a reflexão entre o eu, o leitor e o que diz o texto. É o engajamento de sua interpretação e autonomia na leitura, oportunizando-se ouvir-se e ler-se, ao mesmo tempo.

Logo, oportunizar ao aluno a experiência subjetiva, é pensá-lo como sujeito de sua história, de suas concepções, considerando todo seu percurso constitutivo e sua capacidade ser protagonista do que lê. E possibilitar a construção de pontes e conexões com seus saberes, com o que se põe no texto e com o que pode ser construído a partir dessa prática de leitura.

Nesse sentido, a proposta amparada no método subjetivo rompe com os paradigmas históricos e tradicionais que fazem uso da leitura em sala de aula para apreensão de conceitos e conteúdos. Rouxel (2014) defende que a heterogeneidade das salas de aulas, a vontade de formar leitores para a vida nos conduzem a reconsiderar o corpus da literatura ensinada, para abri-los a outras literaturas, entre elas, a literatura popular.

Por fim, é importante ressaltar que sugestões de leituras contribuem para que sejam referências que inspirem outras práticas, a partir delas e, portanto, devem ser acrescentadas, enxugadas ou adaptadas à experiência do público leitor em que a vivência vai acontecer. Dessa forma, pensar na leitura dos poemas de Carmem Pedrosa, é considerar as categorias temáticas apresentadas nesse estudo, com os poemas que as compõem. Então, apresentamos algumas sugestões de leitura de poesia dessa autora.

Escolha da temática a ser lida

A(o) professor(a) apresenta as temáticas em que a poetisa escreveu seus poemas e faz uma enquete solicitando que a turma escolha uma, inicialmente. A partir da escolha, os poemas que compõem a temática

podem ser dispostos para ser lidos pelos estudantes. Os estudantes escolhem o primeiro poema que gostariam de ler.

Leitura dos poemas da temática escolhida

Se a temática tiver poucos poemas, é possível que a toda a turma tenham acesso a todos os poemas com os mesmos assuntos, no entanto, a leitura, a conversa e a escuta do que é lido deve acontecer a partir de cada poema. Caso a temática contenha muitos poemas, a turma pode ser dividida em dupla ou trio e cada grupo lê um poema. Pinheiro (2018) chama a atenção para a importância da realização oral do poema no contexto escolar. Tendo em vista que muitos alunos não tiveram a vivência da poetisa, se faz necessário ler e reler os poemas buscando formas diversas de dar expressão aos sentimentos abordados.

Durante o processo de leitura, conduzidos pelo professor, os estudantes falarão sua impressão sobre a leitura, fazendo conexões com sua vida, sua história, bem como sobre a experiência de ler poesia de uma mulher da região do Pajeú.

Recital dos poemas

Os estudantes podem escolher poemas, fazer o recital, considerando a entonação dada pela rima e métrica, bem como compor o tom de voz de acordo com o tema abordado no poema escolhido. Nessa atividade, tanto a voz quanto a expressão corporal podem dar sentido ao poema escrito. A turma pode ser dividida para realizar um jogral, em que cada estudante recita um poema, oportunizando que todos participem do recital.

Mural da leitura

Para compor o mural, após a leitura dos poemas, os estudantes podem escrever a impressão do poema lido, com indicação para que outros estudantes de outras turmas possam ler. Numa breve indicação do poema, eles poderão escrever, dizendo: *“Li, gostei e indico”*, justificando a indicação, bem como também podem escrever: *“Li, não gostei e não indico”*, justificando o motivo pelo qual escolheram essa opção de comentário do poema.

Diário de leitura poética

Outra sugestão que pode resultar após a leitura do poema é o diário de leitura poética. Seria um livro coletivo, construído por todos, em que lá eles escrevem a relação que o poema lido tem com sua vida, quais as memórias resgatadas, bem como podem discorrer se o poema não despertou memórias. Seria a escrita democrática sobre a leitura. O diário deve ser sugerido no início do experimento de leitura e estimulado pelo mediador. Ele favorece à expressão do pensamento e sentimento do leitor, sem passar pelo crivo do certo ou errado que predomina nos livros didáticos.

Mural de pintura coletiva

Por fim, uma atividade muito interessante que é possível realizar é a construção de um mural de pintura coletiva, construindo a releitura do poema em imagens. O professor coloca diversas cartolinas na parede. Com pincel e tintas, os estudantes vão construindo coletivamente a leitura do poema. Embora, cada um tenha uma visão pessoal do que leem, será possível numa tela só visualizar os diversos olhares sobre o poema.

Portanto, as sugestões de leitura dos poemas não se esgotam aqui, nem são lineares e estanques. O movimento e deslocamento da proposta devem ser feitos de acordo com o objetivo da leitura. O professor pode seguir lendo com os estudantes, a obra da autora, através das temáticas, escolhendo, como a proposta apresentada, nessa dinâmica intimista e de contato com texto. O importante é que o estudante experencie essa vivência de leitura, como defende Rouxel (2014), como uma forma de transformar a relação dos alunos com o texto literário, acolhendo suas reações subjetivas.

Considerações finais

Embora haja um engajamento e participação significativa da mulher na literatura de cordel, sobretudo na região do Sertão do Pajeú, rompendo, aos poucos com a invisibilidade nessa literatura vivida por Maria das Neves Pimentel – primeira cordelista a publicar um cordel, mesmo com pseudônimo – ainda há muito a se fazer para que obras escritas por mulheres possam ser vistas e reconhecidas no meio literário e na comunidade e em que se encontram.

Nascida em um contexto histórico em que a mulher era invisibilizada, Carmem Pedrosa é uma cordelista cuja obra pouco foi reconhecida e nunca estudada para fins de entendimento de sua produção. No entanto, inspirou gerações de mulheres e pavimentou o caminho para que, na contemporaneidade, a voz da poesia feminina ganhe força e seja reconhecida no meio da literatura de cordel. Nesse sentido, analisar partes do corpus da obra de Carmem Pedrosa é considerar a importância que há na produção de literatura de cordel feminina, como também visibilizar o quanto essa produção precisa ser vista, reconhecida e lida por jovens, como forma de fomento à formação de leitores.

Por fim, é importante dizer que é válido refletir sobre estratégias que possam contribuir para que a poesia de autoria feminina ganhe espaço, aumentando a distância entre o que a mulher escreve e a invisibilidade de sua obra. O objetivo é os poemas cheguem à sala de aula, numa perspectiva subjetiva, rompendo com o formalismo histórico, desfazendo a ideia de que a leitura literária seja um pretexto para o ensino de conceitos e conteúdos pragmáticos.

Referências bibliográficas

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MENDONÇA, Maristela Barbosa. **Uma voz feminina no mundo dos folhetos**. Brasília: Thesaurus, 1993.

- PEDROSA, Carmem. **Vitória Régia**. Olinda/PE: Tipografia da Fundação Casas das Crianças de Olinda, 1983.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2018.
- PINHEIRO, Hélder. **Eu canto o sertão que é meu**. *In*: Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades. Emília Pietrafesa de Godoi, Marilda Aparecida de Meneses, Rosa Acevedo Marin (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- QUEIROZ, D. A. de. **Mulheres Cordelistas – Percepções do universo feminino na Literatura de Cordel**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. Dissertação de mestrado. 121p.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte -MG: Letramento: Justificando, 2017.
- ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Monografia (Graduação em Produção Editorial), Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, UFRJ, 51f, 2014.
- ROUXEL, Annie. **Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor (Sobre a importância da experiência estética na formação do leitor)**. Tradutoras: Maria Rennally Soares da Silva, Josilene Pinheiro Mariz. *In*: Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino. José Hélder Pinheiro Alves (Org.). – Campina Grande: Abralic, 2014.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. **Mulheres fazem... cordéis**. João Pessoa: Graphos. v.8, n.1/ Jan./Jul/2006.
- SANTOS, Francisca Pereira dos. **O livro delas: catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina**. 2ª ed. Fortaleza – CE: IMEPH, 2023.